

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



“Nós gosta de novinha”¹ Representações do feminino e violência simbólica contra as mulheres nas composições dos MCs Sheldon e Boco.

Mariana de Oliveira Santos*
Mariana Gonçalves Cursino**
Vívian Matias dos Santos***

RESUMO

O presente trabalho pretende observar as representações do feminino e violência simbólica no cenário bregafunk do Recife, tomando como referencial empírico a canção “Nós gosta de novinha”, cantada e composta pelos MCs Sheldon e Boco. Essa composição, assim como outras desses mesmos artistas, reflete o contexto de opressão e discriminação vivenciado pelas mulheres – e o que se entende como feminino – que são colocadas, principalmente em nossa sociedade nordestina patriarcal, em posições de inferioridade e submissão. Aqui, a mídia musical é compreendida como algo que constrói e ao mesmo tempo é construída, por hábitos e formas de viver e expressar-se no mundo, podendo contribuir para a reprodução de discursos opressores, reafirmando a violência simbólica. Para a realização desse trabalho fizemos uso de pesquisa documental, tendo como fonte documentos escritos e audiovisuais, além da pesquisa bibliográfica que traz como referências autores e autoras que tratam, dentre outros assuntos, da mídia musical no seio da indústria cultural e da violência, tendo como categoria analítica transversal o gênero. Tais recursos analíticos foram imprescindíveis para alcançar os resultados do presente trabalho: apontar o processo de reificação do feminino nessas composições, observar a reprodução do sistema patriarcal, além de compreender a lógica da erotização (inclusive num contexto de pedofilização) e posse do corpo feminino tão cantada nas músicas de MC Sheldon e Boco, buscando contribuir para futuras reflexões que tenham como objeto o modo como tais discursos e práticas discriminatórias do cenário bregafunk reproduzem-se e são assimiladas pela sociedade pernambucana, sobretudo, pela população recifense que convive, diariamente, com essas canções tão polêmicas e famosas na cidade.

Palavras- chave: Gênero. Violência de Gênero. Violência Simbólica. Bregafunk.

¹Título da composição dos MCs Sheldon e Boco. A grafia é citada da mesma maneira que os compositores cantam e conforme é apresentada em sites que disponibilizam letras de músicas.

* Graduada em Serviço Social Pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: marianasantoos@gmail.com

** Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: marianacursino@yahoo.com.br

*** Doutora em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Email: vivianmsa@hotmail.com



INTRODUÇÃO

As violências contra as mulheres constituem um problema mundial, sínteses de múltiplas e específicas discriminações sexistas que atingem mulheres das mais diversas idades, etnias, religiões, classes sociais ou orientações sexuais. Afetando diretamente suas vidas, saúde, sociabilidade e autoestima, pondo em questão o seu estatuto de sujeitos de direitos e cidadãos.

Apesar do momento de efervescência em que vivemos, em relação às discussões sobre políticas públicas que visam à garantia dos direitos das mulheres, principalmente após a aprovação da Lei Maria da Penha—Lei nº 11.340-, no ano de 2006², ainda são incipientes os debates sobre as múltiplas formas de reiteração dos discursos sexistas que fundamentam as diversas manifestações das violências contra as mulheres.

Nesse sentido, o presente artigo – fruto do Trabalho de Conclusão do Curso de Serviço Social “Mete o Fio Dental e Passa o Óleo no Bumbum”: A Violência Simbólica Contra as Mulheres no Cenário do Bregafunk do Recife”, pretende observar as representações do feminino, bem como a violência simbólica que estão inseridas no cenário musical do bregafunk recifense, mais especificamente na canção “Nós gosta de novinha”, cantada e composta pelos MCs Sheldon e Boco.

Através de suas, letras e danças, os compositores de bregafunk retratam as mulheres de diversas formas, algumas vezes a partir de percepções cotidianas, mas sempre imaginadas nos marcos das relações heterossexuais. São, quase sempre, descrições de corpos e condutas sexualizadas, que se alicerçam numa percepção essencialista, reducionista e fragmentada da mulher como objeto de desejo.

²Neste aspecto, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, vinculada à Presidência da República, tem contemplado discussões acerca do papel da mídia diante dos direitos das mulheres. Neste sentido, em 2011 publicou o documento —Imprensa de agenda de direitos das mulheres: uma análise das tendências da cobertura jornalística. Disponível em <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoesoficiais1/catalogo/orgao-essenciais/secretaria-de-politica-para-mulheres/impressa-e-agenda-de-direitos-das-mulheres-uma-analise-das-tendencias-da-cobertura-jornalistica/view>.



(sub)gênero do brega, uma mescla entre o brega e o funk carioca, tendo com uns dos principais “embaixadores” os MCs Sheldon e Boco.

1.1 MC Sheldon e o fenômeno do bregafunk no Recife.

O MC Sheldon tornou-se destaque no âmbito musical da cidade depois do lançamento da música “Se eu Mato eu vou preso” em 2011, que supostamente incentivava a prática sexual com crianças e adolescentes do sexo feminino, utilizando o termo “novinhas”. A polêmica ocasionou uma grande divulgação pela mídia e, conseqüentemente, uma rápida popularização da música, gerando para o cantor fama, dinheiro e reconhecimento, ultrapassando as barreiras dos subúrbios.

Além da polêmica com a pedofilização⁵, ou seja, a prática de imersão das crianças e adolescentes no mundo adulto (LANDINI, 2000), suas composições, são regadas por um discurso sexista-heteronormativo, que reitera práticas de dominação, objetificando as mulheres, fragmentando seus corpos e padronizando seus comportamentos. No entanto, muitas dessas composições são fruto de percepções cotidianas, mas sempre imaginadas nos marcos das relações heterossexuais. Não sendo exclusividade do universo bregafunk, podemos observar essas características nos mais diversos gêneros musicais: samba, rock, MPB, considerados mais elitizados.

“Novinhas” - é a forma como o MC Sheldon, chama as adolescentes frequentadoras dos seus shows. Para Soares (2012) o termo “novinha” se alastrou pelo cenário do brega recifense e se refere a feição da sexualidade e performance dos gêneros - calcada num binarismo heteronormativo (masculino e feminino) (BUTLER, 2001) - representados nas canções e nas manifestações performáticas em shows dedicados a este segmento musical.

mudanças são necessárias para produzir uma uniformidade massiva sobre consumo. No entanto, essa uniformidade vai gerar uma compreensão de cultura, identidade, gênero e sexualidade dialogada dentro da lógica do consumo.

⁵A pedofilização é percebida nas músicas de bregafunk através do culto às adolescentes descobertas como consumidoras de suas músicas e, ao mesmo tempo, como objetos.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



transformação do diferente em desigual, em coisificado. Tal desigualdade visa instaurar opressão. Assim, em geral, os sistemas que valorizam papéis, lugares, comportamentos e atitudes para mulheres e homens lhes concedem valores distintos resultando nas/das desigualdades de gênero.

No que se refere à discussão do conceito de gênero, e a introdução do mesmo como categoria de análise, aconteceu através das feministas norte-americanas que tinham como objetivo refutar o determinismo biológico entre os sexos e fortalecer o caráter social das relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, gênero pode ser considerado como uma categoria de análise que tem sua “origem” com e nas relações sociais, interligada com outras categorias como: classe, raça, etnia, etc. Para Scott (1995, p. 86), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

A dualidade dos sexos fixos e coerentes, os quais são opostos tal como se observa em geral, nas oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina etc, para Butler (2010), reproduzem uma ordem compulsória, que exige a conexão total entre um sexo, um gênero e o desejo ou prática sexual que são definitivamente heterossexuais. Ou seja, é se baseando no determinismo biológico que seu comportamento social será condicionado.

Assim, “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”(BUTLER, 2010, p. 25).

A reprodução/ manutenção dos discursos legitimadores das desigualdades de gênero e poder se dá por diversas formas e meios, destacando-se no cenário contemporâneo os meios de comunicação associados às novas tecnologias, tendo sua eficácia mais abrangente em seus apelos mercadológicos, seja através das propagandas, da moda, das novelas, das músicas, da internet e suas redes sociais, etc. As diversas manifestações de entretenimento influenciam comportamentos e atitudes que se refletem na vida cotidiana (PORTELA, 2011).

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A música enquanto um veículo midiático de acesso e alcance universal funciona como um desses instrumentos de propagação dos diversos discursos. É nela que se despontam formas de comportamentos humanos (KROB, 2013). Através de cada canção podemos visualizar cenários, contextos histórico-sociais e a forma do ser humano se relacionar intra e interpessoalmente.

Assim como outros gêneros musicais, as composições de brega são infestadas por uma série de violações dos direitos das mulheres, reflexo do discurso sexista presente na nossa sociabilidade ocidental-brasileira-nordestina-pernambucana que influencia na construção das músicas e performances utilizadas e reproduzidas pelos artistas desse segmento. O "patriarcado" que antes controlava a vida das mulheres através do discurso da proteção do "sexo forte" sobre o "sexo frágil", hoje, aparentemente, controla a vida das mulheres por meio da produção/manipulação, muitas vezes degradante, de suas imagens.

O modelo patriarcal ou patriarcalismo é uma forma de organização social na qual as relações são direcionadas pelo princípio básico de subordinação hierárquica, através do controle e do medo. Segundo Saffioti (2004) o patriarcado pode ser classificado como "um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre homens, assim como a solidariedade existente entre eles, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres" (p. 104).

Para a autora, os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos, sendo regida por valores machistas e carregando consigo uma maior valorização às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimando o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabelecendo papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (MILLET, 1970; SCOTT, 1995). Desta forma não há necessidade do homem dizer sua superioridade, visto que, este já ocupa este espaço e desempenha este papel sociocultural.

2.A violência simbólica: a naturalização das violências contra as mulheres



A mídia pode ser utilizada como uma forte aliada para a propagação desse sistema, evidenciando sua existência por meio do tratamento dado às mulheres nos discursos presentes no âmbito do entretenimento. É possível observar, em muitas letras, um discurso discriminatório, que é reproduzido - inclusive pelas mulheres, naturalizando-o.

Algumas músicas de sucesso de muitos cantores, entre eles MC Sheldon, promovem esse tipo de violência, uma violência não silenciosa, simbólica, que, ao mesmo tempo em que tolhe, julga e padroniza o comportamento feminino por parte dos homens, encontra mecanismos de conhecimento e reconhecimento pelas mulheres. Além disso, essa violência serve de base para a prática de outras violências, “a violência física não se mantém sem a violência simbólica. Esta fornece a base legitimadora para ações/relações de força [...], que favorece o exercício da exploração e da dominação” (ALMEIDA, 2007, p. 29).

A base da violência simbólica está nos símbolos e signos culturalmente estabelecidos, especialmente no reconhecimento incógnito da autoridade exercida por certas pessoas e grupos de pessoas. Sendo assim, essa violência muitas vezes passa despercebida, e é compreendida como uma espécie de interdição desenvolvida com base em um respeito que "naturalmente" se exerce de um para outro. Ela é exercida “pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2007, p.7-8).

Essa dominação acaba naturalizando situações que não devem ser tratadas como naturais ou normais, reafirmando uma ordem ou um discurso já estabelecidos. A legitimação desse discurso ocorre por meio dos sistemas simbólicos - instituições, Estado, família, religião e os meios de comunicação que são responsáveis pela reprodução cultural de valores que impõem inferioridade ou superioridade à determinada classe social, etnia, geração ou gênero. Assim, Bourdieu (1989) reconhece essa violência como sendo:

(...) forma de coação que se apoia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja ela econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante.



Devido a este conhecimento do discurso dominante, a violência simbólica é manifestação deste conhecimento através do reconhecimento da legitimidade deste discurso dominante (p. 14).

A violência contra as mulheres é propagada aí, bem aí: no lugar comum, no quase inocente. Nas músicas que tocam por todos os lados e que as meninas, desde muito cedo, aprendem a dançar e "rebolar", cantando "Pau que nasce torto nunca se endireita. Menina que requebra a mãe pega na cabeça"⁹. Está nesse produto cultural que joga no mercado as diversas formas de violência simbólica contra as mulheres, num conteúdo cotidiano que passa despercebido nas rádios, televisão, festas, na "mulher melancia", "mulher pêra", e tantas outras mulheres-frutas¹⁰ bundas sem rosto, reafirmando no inconsciente social e coletivo, o lugar correto na sociedade para uma mulher, percebida de forma essencialista: na cama e de preferência, de pernas abertas. E claro, "malhada" e "gostosa".

2.1 Nós gosta de novinha: A representação das mulheres na composição dos MCs Sheldon e Boco

A fim de identificarmos a violência simbólica nas composições de brega, mais especificamente, nas letras de MC Sheldon e Boco, escolhemos analisar uma das músicas mais reproduzidas pelas rádios recifenses e nas ruas por meio dos "carrinhos pirateiros"¹¹: "Nós gosta é de novinha" com aproximadamente 144. 488 visualizações no youtube¹².

Nós gosta de novinhas
Ela não te quer
Ela não te ama
Só tá por interesse do ouro, fama e grana

⁹Trecho da música "Segura o tchan", Interpretada pela banda baiana É o Tchan. Composição de Bieco, Cau Lima e Cissinho Interpretação: Grupo É o Tchan. Ano: 1995. Álbum: É o Tchan. Gravadora: Polygram.

¹⁰ Esse termo começou a ser empregado no ano de 2008, para denominar dançarinas de funk que através de algumas partes de seus corpos, poderiam ser comparadas a alguma fruta: mulher melão - relação entre a fruta e seus seios; mulher melancia - relação entre a fruta e suas nádegas; num processo de fragmentação dos corpos. Ribeiro (2011) destaca que as mulheres brasileiras são estereotipadas, geralmente, como "naturalmente sensuais", havendo um mercado que lucra com isso.

¹¹ Refere-se a um sistema de venda de Cd's e Dvd's piratas, bem como de divulgação da produção musical dos MC's e bandas locais. A venda é feita em uma pequena carroça com sistema de som, que se localiza em pontos estratégicos da Cidade do Recife.

¹² Vídeo publicado no ano de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Wjpetx4DBlc>>. Acesso em: 02 out 2014.



Nóss gosta de novinha de blush e de franjinha [SIC]
É o Mc Sheldon e o Boco da Mustardinha (2x)
Ela não se cansa, só quer andar de marca:
Tribos, Absoluta, Demillus e a Handara
Ela vem dançando ao som do batidão
Só quer ficar com os cara metido a bandidão[SIC]
Se você anda a pé ou de bicicleta
Ela chega dizendo: Esse tipo ai não presta
Só quer carro do ano
E homem bombado
No final da noite ela quer quarto espelhado (MC Sheldon, 2010)

Na música “Nós gosta de novinha”, MC Sheldon, reporta a modelos ditados pelo patriarcado e acaba reforçando-os ao determinar comportamentos para as mulheres que são consideradas fora do padrão “adequado”. Como diz Soares (2006, p.63), “situada na condição de oprimida, por falta de opções, a mulher permitiu que a sociedade lhe atribísse uma série de culpas, e ela própria gera em si esse sentimento”.

A figura simbólica da mulher ideal sempre esteve presente na música brasileira. De acordo com cada contexto social e, até mesmo estilo musical, esse padrão é apresentado de uma maneira diferente. Mulher submissa, magra, mãe imaculada e santa, gostosa, mulher fruta, pedaço de carne, burra, sem vaidade, sem pensamento próprio, interesseira, para citar somente algumas das expressões simbólicas utilizadas.

Atualmente, Silva (2008) aponta a existência de uma mulher moderna que se contrapõe ao discurso patriarcal tradicional, a qual, pela diversidade de comportamentos, foge à imagem das “idealizadas”, ou seja, da figura feminina tradicional, mãe de família, dona de casa, submissa, dependente.

As mulheres modernas são exemplos de “representações femininas que existem à margem, nas entrelinhas, e nas novas formas de organizações” (SANTANA, 2002, p.110). São essas que, de alguma forma, tentam exercer sua liberdade e autonomia, que não aceitam a forma “idealizada” e muito menos se enquadram nos estereótipos de heroína, rainha ou deusa, referenciados nos romances. No entanto, por estarem inseridas em um contexto histórico-cultural de modernidade, tem a imagem manipulada pelos meios de comunicação massivos, que detém a capacidade de rejeitar esses novos comportamentos e reafirmar os

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



satisfação sexual, já que no fim de tudo, o que ela deseja é ir para um “quarto espelhado”.

Neste aspecto, percebe-se, uma imagem feminina paradoxal na obra musical de MC Sheldon: se por um lado tem-se uma visão essencialista da mulher como objeto, pronta a ser consumida pelo homem que detém o papel de sujeito ativo na relação afetiva e sexual; por outro lado, tem-se também a mulher como ser desejante e capaz de exigir e negociar pela satisfação de seus desejos sexuais.

Ao longo da composição em análise, não vemos nenhum trecho que fale sobre o que se compreenderia, no imaginário social, como “qualidades positivas” das mulheres, personagens da narrativa. Mesmo ao serem representadas como seres desejantes que põem em prática os seus desejos, as mulheres não são colocadas de modo a lhes conferir uma aceitabilidade social e cultural, já que para o discurso tradicional patriarcal (sexista e heterossexista) não reconhece como correto a livre prática da sexualidade feminina, especialmente quando se trata das relações sexuais propriamente ditas.

O que aparentemente é mais explícito é que o MC continua a reforçar a imagem de interesseira, apresentando características depreciativas, articulando o feminino ao vulgar e acusando a personagem de desejar constituir suas relações amorosas baseando-se apenas no interesse econômico, conforme explicitado no refrão “Ela não te quer, ela não te ama/ Só tá com interesse/ Do ouro, fama e grana”.

De acordo com o trecho: “Ela vem dançando ao som do batidão/ Só quer ficar com os caras metidos a bandidão” (Nós gosta de novinha, MC Sheldon, 2010), a maneira que a mulher encontra para alcançar seu objetivo de galgar novos espaços na sociedade em que vive é se relacionando com os homens que possuem mais dinheiro, carros – como objetos símbolos de seu poder aquisitivo - e status social. O compositor demonstra que, dentro do contexto que a “novinha” está inserida, ela pode se submeter a um relacionamento com homens “perigosos” e que infligem à lei, desde que estes possam proporcionar os seus “luxos”.

É imprescindível explicitar que, para além do reconhecimento da (re)legitimada violência de gênero contra as mulheres nestas produções do bregafunk recifense, não acreditamos, que essas composições sejam o espaço onde

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



se inventa e se funda a degradação e submissão das mulheres. É sim, uma representação delas no espaço de convivência em que estão inseridas, reforçando a ideia de que o processo de violência simbólica contra mulheres é uma realidade cotidiana na sociedade, e que ao descrevê-las em suas composições MC Sheldon nos permite identificar esse processo de violência, mesmo sendo bastante naturalizada.

Para compreendermos este fenômeno, não podemos desconsiderar o que defende Bourdieu (1989): nas relações sociais estruturadas em vínculo de dominação e submissão, os dominados, inconscientes e involuntariamente, assimilam os valores e a visão de mundo dos dominantes e desse modo, tornam-se cúmplices da ordem estabelecida sem perceberem que são as primeiras e principais vítimas dessa mesma ordem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inimaginável, nos dias atuais, andar pelas ruas do Recife sem ouvir, ao menos, algum resquício das músicas classificadas como brega. Esse gênero musical tomou as casas de shows, as emissoras de rádio, invadiu o mercado de roupas, os pontos de ônibus, as escolas, fazendo-se elemento presente até na linguagem da população recifense. Aos poucos esse gênero musical tem rompido as barreiras locais, dialogando com elementos globais, hibridizando-se com outros gêneros, estilizando corpos e danças em espaços antes não imaginados.

Neste sentido, não obstante a tentativa de compreender a violência simbólica contra mulheres no bregafunk, em nenhum momento da construção deste trabalho objetivamos denegrir ou diminuir a imagem do bregafunk recifense, nem dos MCs Sheldon e Boco. Acreditamos que os discursos sobre as mulheres e o feminino presentes nas composições destes MCs devem ser percebidos como reflexos da sociedade na qual estamos inseridas e inseridos: sexista, desigual.

Por outro lado, também não podemos afirmar que o tratamento das mulheres como objetos de desejo - evidenciando bumbuns, seios, pernas torneadas - de rostos, vozes e identidades ignoradas se dê de forma inconsciente por parte de tais compositores. De fato, nosso intuito com este trabalho não foi averiguar a culpa ou

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



inocência destes artistas bregafunk. Porém, em se constatando elementos simbólicos da violência contra as mulheres em suas produções, buscamos compreender como tais elementos se explicitam.

Partimos do pressuposto que a violência simbólica contida não somente nas músicas dos MCs, mas em muitos outros veículos midiáticos, somente pode ser redimensionada, ou mesmo superada, por meio de sua identificação por parte tanto dos sujeitos vitimizados quanto dos sujeitos agentes da violência. A tentativa de identificar e compreender tais discursos que reiteram a violência contra mulheres torna-se relevante na medida em que tal violência já está tão arraigada na sociedade nordestina e recifense que parece ser dimensão ineliminável de nossa cultura e sociabilidade locais.

As mulheres no bregafunk, aparentemente, passam a ser reconhecidas socialmente como sujeitos corporal e sexualmente livres. Todavia, suas composições, aparentemente, constroem imagens de mulheres não como sujeitos, mas como objetos das práticas sexuais masculinas, ou ainda, mercadorias. Por meio das composições às quais delimitamos esta reflexão percebemos que as mulheres não são “alguém”, mas “algo”; não são sujeitos de direitos com voz e pensamento, mas corpos fragmentados instrumentais ao prazer masculino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência contra a mulher**: bases conceituais Conferência proferida no Seminário Regional Mulher e Violência na Perspectiva da Justiça e Saúde. Porto Alegre, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. IN: LOURO, Guracira. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.151-179.

_____. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: UNESP, 2011.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



SOARES, Tiago. **Conveniências performáticas num show de brega no Recife:** Espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriquetes e cafuços LOGOS 36 Comunicação e Entretenimento: Práticas Sociais, Indústrias e Linguagens. Vol.19,Nº 01, p. 55-67,1º semestre, 2012.

SOARES, Guiomar Freitas. **Reflexões sobre gênero e sexualidade na música gaúcha.** Disponível em<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/S/Soares-Soares_13_A.pdf> Acesso em: 28.set,2014.